

Simpósio debate disparidades raciais no tratamento do câncer de mama



O encontro abordou o racismo como barreira no acesso aos serviços de saúde

Identificar os problemas provocados pelo racismo no tratamento do câncer de mama. Esse foi o objetivo do *I Simpósio Câncer de Mama e Saúde da População Negra*, realizado no dia 13 de março, no HC III. O evento disponibilizou 80 vagas, mas teve mais que o dobro de procura.

Segundo uma das organizadoras, Eliane Assis, chefe do Serviço Social do HC III, o racismo pode determinar a abordagem terapêutica. Ela reforçou a importância do trabalho dos profissionais da unidade na promoção de estudos sobre o assunto. “No Brasil, há dados que revelam desigualdade no acesso ao tratamento e na sobrevivência de pacientes negras em relação a pacientes brancas com câncer de mama.”

Eliane cita um estudo feito pela Sociedade Brasileira de Mastologia com o Instituto Papo Rosa em 2023, no Estado do Rio, que demonstrou que duas em cada 10 mulheres pretas e pardas em tratamento da doença afirmaram se

sentir discriminadas. As queixas vão desde número menor de consultas até hostilidade no atendimento.

O simpósio contou com as mesas *Racismo e saúde: desigualdades raciais no acesso ao tratamento do câncer de mama* e *Possibilidades e perspectivas de práticas antirracistas para fortalecimento dos princípios do SUS*. “O evento é um ponto de partida, alinhado à estratégia antirracista do Ministério da Saúde [Portaria nº 2.198/2023], que reforça o objetivo maior do HC III: promover o cuidado integral a todas as pacientes, sem discriminação”, enfatiza Eliane.

Na abertura, o diretor do HC III, Marcelo Bello, mencionou dado de 2021 que mostra que mulheres negras têm 63% mais de chance de chegar à unidade com câncer de mama avançado que mulheres brancas. “Isso reflete uma disparidade social de acesso aos serviços de saúde. Racismo não pode ser barreira ao acesso nem influenciar o tratamento.”

PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

Estudo do INCA sobre a Favela Compassiva é premiado em congresso

O prêmio de melhor pôster do *XI Congresso Latino-Americano de Cuidados Paliativos* veio para o INCA. A pesquisa sobre a Favela Compassiva, desenvolvida no programa de mestrado do Instituto pelas fisioterapeutas Luciana Silva Couto e Cíntia Maia Prates, foi agraciada no evento realizado em Cartagena, Colômbia, em março. O projeto foi orientado pela nutricionista do HC IV e docente permanente dos programas de pós-graduação *stricto sensu* Lívia Costa de Oliveira e pelo enfermeiro Alexandre Ernesto Silva, da Universidade Federal de São João del-Rei.

Liderada por Alexandre, a Favela Compassiva é uma proposta inovadora que começou a ser desenvolvida em 2019, nas comunidades da Rocinha e do Vidigal, na cidade do Rio de Janeiro. A iniciativa oferece cuidados paliativos à população desses locais. Equipes multidisciplinares de profissionais da saúde voluntários, além de moradores locais, também



Autoras e orientadora, juntas: Luciana Silva Couto, Lívia Costa de Oliveira e Cíntia Maia Prates

voluntários, participam da rede comunitária que leva esse tipo de assistência a pacientes com doenças que ameaçam a vida, apoiando também familiares e cuidadores.

“A premiação do trabalho é importante, pois os resultados desse modelo de oferta de cuidados paliativos precisam ser estudados cientificamente. Paralelamente, a Favela Compassiva precisa de reforços, tanto na assistência a essa população quanto na questão acadêmica e científica. E o INCA tem feito parte disso”, avalia Lívia. Os demais autores do estudo são Thayna Moura, Maria Gefé, Liana Trote e Matheus Rodrigues Martins.